

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um recorte de minha tese de doutorado intitulada: “Klitores Kaos e o Grito das Mulheres: O Punk/HC Desemboca numa Cena Musical Feminista em Belém do Pará”, defendida em março de 2023, e tem como foco as letras de resistência da banda Klitores Kaos, formada por mulheres, do subgênero do punk rock, o punk/HC, sendo a sigla ‘HC’ o *hardcore*, uma superaceleração do andamento das músicas punks. Esta banda feminista possui um fazer musical e textos, seja discursados ou cantados, de combate a preconceitos contra o gênero feminino.

O rock e suas vertentes vão contra opressões do Estado e da sociedade, porém, mesmo se originando do acorde de guitarras tocadas por mulheres, o ambiente é predominantemente masculino e invisibiliza a produção feminina, em que seus atores, na maioria, praticam atitudes que ofendem mulheres. Como o punk/HC dá ênfase à luta contra o sistema com agressividade, essas mulheres da Klitores Kaos levantam a luta contra o patriarcado, a qual aparece principalmente nos discursos que fazem no palco e nas letras das canções. Abordo, portanto, nesta pesquisa, o conteúdo geral das letras e faço análise literária e musical da canção *Império da Dor*, de 2021, a qual traz intersecções como a condição da mulher negra na América Latina. Faço isso em diálogo com a Literatura, os Estudos Culturais, a Etnomusicologia, com autores como Chada (2011), Béhague (1992,1999), Blacking (1973) e Merriam (1964) para tratar de fatores socioeconômicos presentes nas canções; Culler (1999) e Bosi (2000,2002) para o contexto da obra literária, percebendo denúncias contra o sistema, atos violentos contra mulheres, reivindicação de direitos e empoderamento feminino.

Diante de várias pesquisas que, inclusive, favorecem os homens em diversos gêneros musicais, enfatizo a necessidade de valorizar as produções femininas/feministas que têm textos significativos e o respeito à mulher, pois conforme Rosa e Nogueira (2015) “a poesia e a música nascem das rupturas e da dor que transformam. É um processo criativo no sentido amplo onde, ao criarmos caminhos artísticos e de produção de conhecimento próprios, também nos reinventamos como pessoas”.

¹ Doutora e Mestra em Artes pelo Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará. Integrante do Núcleo de Arte, Cultura e Educação da Secretaria Municipal de Belém. Professora substituta do Departamento de Artes da Universidade do Estado do Pará.

Além da bibliografia estudada, utilizei arquivos de mídia de antes da pandemia². Os dados apontam o combate ao feminicídio, ao machismo, à misoginia, ao sexismo com a tomada de espaços por mulheres e o crescente respeito pelo gênero feminino na cena rock e punk rock, os quais, muitas vezes, confundem-se com a vida particular dessas mulheres.

KLITORES KAOS NAS ENTRELINHAS

A banda surgiu em 2015, enfrentando preconceitos e desafios, com letras e melodias de Luma Martins, fundadora da banda junto à Debby Mota, conseguiu se fortalecer como um coletivo feminista e já fez muitas apresentações na capital e no interior do Pará e em algumas cidades brasileiras. Seu crescimento vem sendo observado pelo público, pela produção de eventos e nas redes sociais também é notório. Mesmo durante a pandemia, com a entrada da nova vocalista Lucelina Rodrigues, o grupo começou a produzir canções novas. Fizeram, então, dois singles³: Império da Dor⁴ (2021) e Laços de Sangue⁵, (2022), os quais já estão disponíveis nas plataformas digitais, sendo que Laços de Sangue foi uma canção produzida para entrar na coletânea de bandas paraenses ‘O Rock não Para no Pará’. Sobre a banda hoje, Lucelina define:

A Klitores [...] É um coletivo que compartilha a nossa mensagem pra frente, nossas ideias pra frente, independente da formação [...] a nossa ideia é ir pra frente e não parar. Hoje, eu sinto que precisa de muito mais mulheres, mulheres que se posicionem, que estão lá, que façam eventos feministas! [...] querendo ou não, esse público masculino, ele acaba ocupando muito mais toda essa cena! [...] Você vê uma mulher aqui, uma mulher ali, mas é sempre a mulher ‘do cara que tá tocando’, a menina ‘que gosta do rolê’, mas não se posiciona, mas está lá! Eu não sei se isso pode parecer chato pra muita gente, mas [...] eu acho muito problemático, na verdade, e sempre quando a gente tá, a gente fala as coisas, a gente tenta expressar isso, né? com as letras na banda, e falando durante as músicas se posicionando, sabe?. (RODRIGUES, 2022)

Isso reforça a percepção da predominância do gênero masculino na cena local do punk/HC, a qual se estende ao rock em geral, permeado por machismo, misoginia e outros preconceitos. Afirma, ainda, que as ideias, o posicionamento da banda deve chagar a todas as pessoas, pois fazem discursos no palco, entre uma música e outra, inclusive com textos não

² A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, foi uma pandemia recente da doença por coronavírus 2019 (COVID-19), causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2).

³ Do inglês *single*, disco, geralmente, com uma só faixa de cada lado.

⁴ Single Império da Dor. Disponível em: <https://klitoreskaos.bandcamp.com/releases>

⁵ Laços de Sangue, da banda Klitores Kaos, canção da coletânea O Rock não Para no Pará. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQF-EgmXvvo>. Link para a coletânea: https://www.youtube.com/watch?v=5rpL9y_DESk

verbais – cartazes, lenços, bonés, símbolos de luta – sempre em tom de protesto, denunciando problemas sociais, econômicos, locais e globais e, principalmente, abordando temas como o feminicídio e vários tipos de violência contra a mulher.

A banda mostra duas fases até aqui; a primeira com Luma, do surgimento e reconhecimento, em que os textos revelam a revolta contra o patriarcado, consolidando-se com a gravação do EP⁶ homônimo, lançado em 2020; a segunda, com a formação atual da banda, com a gravação dos singles Império da Dor e Laços de Sangue, já mencionados aqui, quando partem para temas mais abrangentes e interseccionalidades.

TEXTO E MÚSICA DE RESISTÊNCIA

Para a análise de uma obra que aglutina poesia e música, é necessário estudos que envolvem estes dois elementos, sejam eles analisados de forma individual ou conjunta para que se possa perceber o contexto em que está envolvido o objeto de estudo, e, então fazer sua leitura. Há a necessidade de se verificar como se desenvolve a relação entre texto e música no mundo ocidental. O objeto a ser estudado nesta pesquisa destoa um pouco da música popular brasileira, por exemplo, pelo fato de não haver a intenção de se chamar a atenção para uma construção poética, mas para um conteúdo político, de resistência, que traz consigo corpos, questões de gênero e subjetividades dissidentes das integrantes da banda Klitores Kaos.

Para entender melhor as temáticas tratadas pela banda, recorro a Chada (2011), Béhague (1992,1999), Blacking (1973) e Merriam (1964) que consideram elementos extra musicais, como fatores socioeconômicos presentes nas canções. Para a análise textual, destaco Culler (1999) e Bosi (2000,2002), para dizer que um texto permite várias interpretações, envolvendo contextos de obras literárias. Observo, aqui, alguns textos da primeira fase da banda, do EP Klitores Kaos, que tem as faixas: 1. Feminicida; 2. Porrada Racha Macho; 3. Homem Abortista e 4. Mosh Grrrrl. É necessário, portanto, relacionar a canção às vivências das integrantes de modo individual ou coletivo.

Vejamos, então, uma letra⁷, de Luma, que revela que “todas têm uma mensagem política e de conscientização muito forte, quase todas falam sobre as opressões que vivemos enquanto mulheres na sociedade e nossa resistência”:

⁶ Do inglês *extended play*, porém um formato mais curto que um álbum, o *long play*. Disponível em <https://klitoreskaos.bandcamp.com/album/klitores-kaos-demos>.

⁷ Todas as letras citadas foram retiradas do canal do You Tube da banda Klitores Kaos. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCvoYiR4A-earblm3cdJT8yQ/videos>.

Feminicida

Um homicida machista e covarde
Ceifou a vida, um feminicida
Mortas por sermos mulher
Quantas mais a perecer?
Não podemos nos calar
O feminicídio tem que acabar!

Refrão:

Ingridiiii, seu grito ainda persiste! Ingridiiii, jamais será esquecidaaaa!

Facadas sem pena
Tiraram seus sonhos
O sangue esvaindo
Findando seus planos
Guerreira, continuaremos
Lutando por você
Não mais desprotegidas
E sim fortalecidas!

Sobre a canção, há relato de um fato real:

Feminicida é uma letra em homenagem à estudante Ingrid Tavares, que era aluna de nutrição na UFPA e foi vítima do crime de feminicídio. Escrevi também como uma forma de conscientizar para este crime em específico, em que mulheres são assassinadas pelo fato de serem mulheres, por conta da misoginia, por ousarmos não cumprir papéis que nos são impostos. (MARTINS, 2021).

Os registros de casos de feminicídio são altos no Brasil. A banda traz uma realidade local, sendo importante notarmos, por meio de noticiários veiculados pela mídia, que no interior do Pará há maior ocorrência desses casos, como fala Nia Lima, guitarrista e *backing vocal* que gravou o EP:

Fala sobre o que aconteceu com a Ingrid [...] que foi morta pelo namorado dela, assassinada e ela só estudava e trabalhava e o cara se sentia na necessidade, autoridade, para tirar a vida dela só por ciúme doentio E isso acontece muito aqui no Pará, porque aqui no Pará é um dos estados que mais mata mulheres por feminicídio, então eu acho essa letra também muito importante. (LIMA, 2022).

A banda, portanto, não poderia deixar de fora esse ato de violência que leva mulheres a perderem a vida, simplesmente por serem mulheres, fato marcado no verso “Mortas por sermos mulher”. Ingrid, de 28 anos, natural de Óbidos-PA, foi atacada em Belém, em abril de 2015 com cerca de 30 facadas. O autor do feminicídio, violência de gênero, conforme a Lei Maria da Penha, foi preso e condenado a mais de 40 anos de prisão⁸. O caso de Ingrid dá

⁸ Disponível em: <https://www.tjpa.jus.br/PortalExterno/imprensa/noticias/Homenagens/434707-Autor-de-feminicidio-e-condenado-a-mais-de-40-anos-de-prisao.xhtml>

forma à letra da música, simboliza outros casos e representa um apelo da banda nos versos “Não podemos nos calar” e “O feminicídio tem que acabar!”.

A canção é a primeira do EP, com duração de 1 minuto e 52 segundos; antes de começar é exibida uma vinheta com vozes sobrepostas de noticiários sobre o caso, a qual encerra com uma única voz: “Crime de feminicídio”. A bateria é simples e reta, sem viradas, as cordas alternam basicamente três acordes e o vocal de Luma é gutural de graves e agudos sendo que no refrão, o nome de Ingrid é prolongado, acrescido da letra ‘i’, como um grito de revolta⁹.

Vejamos a segunda faixa do trabalho, também com letra de Luma:

Porrada Racha Macho

Autonomia feminista

Abaixo o patriarcado

Temos que lutar!

Porrada rachamacho (4x)

“Porrada Rachamacho é uma palavra de ordem para chamar as mulheres à luta, uma letra bem curtinha, mas com uma mensagem muito forte, pois incita a mulher à autodefesa, autonomia e resistência diante da violência masculina”, Luma justifica o tamanho da letra e prossegue explicando suas letras em geral e as performances da banda:

A música com letras feministas e a performance com discursos e palavras de ordem eram uma forma de expressar nossa indignação e falar sobre isso nas apresentações [...] Como o vocal é gutural, a gente sempre explica antes ou depois de cada música sobre o que aquela música fala, e tenta passar uma mensagem sobre ela. (MARTINS, 2021).

A música dura cerca de 1 minuto e 18 segundos, numa aceleração maior que a anterior, com vocal gutural, com a letra mais falada que cantada e se repete, sendo que ela emana o refrão “Porrada rachamacho”, como palavra de ordem e segue um coro gritado, mais agudo, das outras integrantes da banda, mais três vezes e Luma conclui com um “ôôôôô” como a concluir a estrofe. Essa segunda faixa do EP dialoga, de certa forma com a faixa anterior, pois, é uma resposta a tentativas de violência contra mulheres e uma reação à opressão imposta pelo patriarcado.

IMPÉRIO DA DOR

⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Kw8w7nO1P_U

Essa canção tem a letra de Lucelina Rodrigues e será analisada considerando as referências já citadas e, ainda, as intersecções presentes no feminismo, em diálogo com autoras que abordam os diversos feminismos existentes. Segue a letra:

Império da Dor

Plano de extermínio contra o povo preto
Fazendo a minoria se virar contra ela mesma
Muito bem pensado, muito bem planejado
Tô vendo daqui de baixo os grandes leões ao meu lado

Não vou conciliar com a tua classe
Essa classe que clareia a história
A história que silencia as nossas dores
Que nega todos os nossos saberes

Não preciso morrer pra ver o inferno
Preciso apenas nascer preta e pobre
Com a história e o destino já escritos
Mas não por muito tempo

O império da dor ensina
Que a roda sempre gira
Quando o caos se eleva
Nossa força se regenera

A letra trata do racismo. Em entrevista, a autora revela suas queixas e vivências pessoais quando frequentava a cena de outra vertente do rock, o *heavy metal*:

Quem se incomoda, quem passa por problema racial, social, por ser latino, não por ser negro, escuro, retinto, mas ser negro de pele clara, pobre é difícil. Eu vou no show do *metal*, é muito difícil, você chega lá com teu cabelinho crespo com uma camisa do *black metal*: [ouve]“o que é isso?” Eu já ouvi isso muito em *metal*, “nossa, não combina isso com você, seu cabelo [e o] metal!” essas coisas começam a machucar e fazer a gente acordar [...] aquilo não era pra mim; eu amo música, eu amo esse meio extremo, mas onde que eu vou me identificar? Onde que eu vou me sentir abraçada? Eu vi isso no *hardcore*! (RODRIGUES, 2021).

Ela fala também que não deixou de sofrer racismo na cena atual, porém com menos ocorrências. Sobre a canção, afirma:

Eu escrevi essa letra [...] de maneira ampla, falando sobre racismo, mas falando de coisas muito específicas da minha própria vivência, da minha vida, das coisas que eu passei, meio que passo e possivelmente ainda vá passar por causa disso! E eu, falando sobre todas as situações que acontecem em frente ao racismo, eu tentei fazer de uma maneira generalizada; eu quis fazer uma letra que falasse de uma maneira muito sensível, muito respeitosa também sobre a vivência do racismo [...]eu sinto como se a música tivesse um peso muito grande, assim, sabe, instrumentalmente falando? Isso vai de encontro com o peso do assunto, o peso da dor né? Da letra que é Império da Dor, basicamente, como se fosse toda uma construção de uma coisa

que se transformou em um império do racismo que causa muita dor, né? Que é uma coisa histórica. (RODRIGUES, 2022)

Ela se posiciona diante do racismo, o qual desperta suas dores, tem o seu lugar de fala. Ribeiro (2017) fala do percurso intelectual e de luta de mulheres negras, por sua invisibilização, desde o feminismo hegemônico até outras intersecções: raça, orientação sexual, identidade de gênero. Sobre ‘lugar de fala’, cita Foucault, relaciona o discurso com “poder e controle”; afirma que não há uma epistemologia determinada sobre este termo especificamente, mas que um dos objetivos do feminismo negro é marcar diferentes pontos de análise de quem os propõem, marcação necessária para entender suas realidades. Os dois últimos versos da segunda estrofe: “A história que silencia as nossas dores / Que nega todos os nossos saberes” reforçam as ideias desta autora que questiona as epistemologias colonialistas que desconsideram outras não colonialistas, citando dois importantes nomes do feminismo negro:

Lélia Gonzalez provoca e desestabiliza a epistemologia dominante, assim como Linda Alcoff. Em uma epistemologia para a próxima revolução, a filósofa panamenha critica a imposição de uma epistemologia universal que desconsidera o saber de parteiras, povos originários, a prática médica de povos colonizados, a escrita de si na primeira pessoa e que se constitui como legítima e com autoridade para protocolar o domínio do regime discursivo. (RIBEIRO, 2017, p.27).

Voltando à primeira estrofe, que fala de um “Plano de extermínio” “Muito bem pensado” “Muito bem planejado”, encontramos explicação na fala de Gonzalez:

Desde a Independência aos dias atuais, todo um pensamento e uma prática político-social, preocupados com a chamada *questão social*, têm procurado excluir a população negra de seus projetos de construção da nação brasileira. Assim sendo, não foi por acaso que os imigrantes europeus se concentraram em regiões que, do ponto de vista político e econômico, detêm a hegemonia quanto à determinação dos destinos do país, uma espécie de segregação, com acentuada polarização, extremamente desvantajosa para a população negra. (GONZALEZ, 2020, p.94).

É fato, portanto, que a elite ‘branca’ no Brasil sempre quis exterminar o povo negro durante toda a nossa história.

Nos dois primeiros versos da terceira estrofe: “Não preciso morrer pra ver o inferno / Preciso apenas nascer preta e pobre” Lucelina traz as interseccionalidades à tona e conta o ‘inferno’ que é ser mulher, no gênero, preta, na raça e pobre, na classe, portanto três vezes inferiorizada. E nessa mesma estrofe ela fala novamente da nossa história.

O verso final dessa estrofe “Mas não por muito tempo” indica a possibilidade de uma revolução, pois a letrista é adepta dos pensamentos de Lênin (1870-1924), político e revolucionário Russo. Isso se configura melhor na quarta e última estrofe: “O império da dor ensina / Que a roda sempre gira / Quando o caos se eleva / Nossa força se regenera”. A dor se

configura como um ensinamento, tal como era o pensamento de Lênin, de que os trabalhadores se rebelassem, a autora fala de um girar da roda, em que, quem explora vai receber um ‘troco’, pois o ‘kaos’, com a letra ‘k’ em alusão ao nome da banda, vai provocar uma reação que consiste na força das pessoas oprimidas. Essa estrofe vira um refrão interminável, repetido várias vezes até acabar; um refrão cíclico, como a roda mencionada e como algo presente que está por vir.

A canção tem duração de 3 minutos e 6 segundos; na introdução musical há um jogo de pergunta e resposta, repetido duas vezes, com quatro notas da guitarra (com distorção) seguidas de quatro compassos do instrumental. A voz entra em 18 segundos, após a chamada de 5 batidas da bateria, gutural, grave. No primeiro verso da primeira estrofe, ela marca perfeitamente sua versificação: pla-no-deex-ter-mí-nio-contrao-po-vo-pre-to, seguindo-se os próximos versos não tão perfeitamente desse modo, mas também compassadamente. Então, na segunda estrofe, a música acelera e a bateria dobra a batida. A voz prolonga a última sílaba da palavra ‘tempo’ na última estrofe antes do refrão, permanecendo com seu gutural grave. E então, *riffs*, primeiro do baixo, depois da guitarra, chamam o refrão. A voz canta o refrão uma vez e depois se junta ao coro gritado das outras integrantes repetindo-o várias vezes até encerrar a canção. Os acordes usados na música são: Lá#, Ré, Ré# e Fá, sendo quase os mesmo para compor suas canções.

CONCLUSÃO

O rock se fundiu a uma série de outras informações, o próprio punk rock evoluiu para o *hardcore*, com maior aceleração, agressividade e vocal gutural, sendo que ambos mantiveram seu teor crítico. As bandas de punk/HC, retratam problemas e contradições sociopolíticas locais e globais. No caso das mulheres, usam todos os meios possíveis para protestar contra abusos masculinos, a falta de espaço, enfim, darem o seu ‘grito’. A banda Klitores Kaos revela essas denúncias em suas performances, no seu discurso, em suas letras, na sua estética e no seu fazer musical.

Há, ainda, disputa por respeito, visibilidade e espaço para apresentações, em que bandas com mulheres vão ficando “invisíveis”. Em Belém, há atualmente mais bandas de punk/HC com mulheres do que no início do movimento, um fator positivo que faz, inclusive, aumentar o público feminino e incentiva outras mulheres a formarem ou entrarem para uma banda nesse estilo, escrevendo seu discurso próprio, suas letras.

O machismo, a misoginia, o sexismo ainda estão presentes nesses locais, sendo que as mulheres que os recebem resistem denunciando, seja no palco ou no meio do público para que sejam ouvidas e todos na cena tenham maior consciência do respeito a mulheres, além da consciência do que se prega nesses estilos: o antifascismo.

Mulheres, na música precisam ser pesquisadas como protagonistas numa abordagem de gênero. A mulher está presente desde o início da formação do gênero rock até a atualidade e apesar dos avanços ao longo desses anos da causa feminista em discussões, atos políticos e inclusive no rock, tendo o punk rock como seu principal protagonista, falta a adesão de mais mulheres e maior sororidade no movimento. As mulheres do punk/HC têm a produção musical como um eco da sua ideologia. Há riqueza tanto nas formações de grupos musicais femininos, quanto em temáticas feministas cantadas e escritas por mulheres compondo o cenário cultural da região Norte. É preciso que se olhe para as formações de grupos musicais femininos/feministas, em seus vários aspectos. Pesquisar suas temáticas, seus textos, sua música em variados campos de conhecimento é importante para a compreensão do seu lugar de fala e daquilo que falam para que se combata tantas fobias presentes na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BÉHAGUE, G. **Fundamento sócio-cultural da criação musical**. Revista ART 019, Salvador. p. 5-17, agosto 1992.

_____. **A etnomusicologia latino-americana: algumas reflexões sobre sua ideologia, história, contribuições e problemática**. In: II Simpósio Latino-americano de Musicologia, 2. 1999, Curitiba. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1999. p. 41-69.

BLACKING, J. **How musical is man?** Seattle: University of Washington Press, 1973.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Narrativa e resistência**. In: Literatura e resistência São Paulo - Cia das Letras 2002 pp. 118-135.

CHADA, Sônia. **Caminhos e Fronteiras da Etnomusicologia**. In: Cadernos do Grupo de Pesquisa Música e Identidade na Amazônia-GPMIA. Volume II. Líliam Cristina da Silva Barros, Paulo Murilo Guerreiro do Amaral (Organizadores). Belém: Paka-Tatu; Programa de Pós Graduação em Artes, 2011. p.9-22.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda. 1999.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flavia Rios, Márcia Lima (Org.). 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MERRIAM, A. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964

ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. **O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga**: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. Revista Vórtex, Curitiba, v.3, n.2, 2015, p.25-56.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** (Feminismos Plurais). Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

Entrevista com Luma Martins, concedida à Keila Monteiro, em 8 de maio de 2021, em Portugal. Texto escrito. E-mail.

Entrevista com Lucelina Rodrigues, concedida a Keila Monteiro, em 13 de julho de 2021, em Belém-PA. Gravação.

Entrevista com Lucelina Rodrigues, concedida à Keila Monteiro, em 12 de novembro de 2022, em Belém-PA.

Entrevista com Nia Lima, concedida à Keila Monteiro, em 12 de novembro de 2022, em Belém-PA.